

Paulo César de Oliveira*

Pesquisas assustam o Planalto

As pesquisas divulgadas no fim de semana, novamente dando empate entre Lula e Flávio Bolsonaro, acenderam mais uma vez uma luzinha vermelha no Planalto e o presidente convocou uma reunião de emergência no Alvorada, com seus assessores de campanha e membros do governo, sem participação da imprensa. O novo líder do governo na Câmara, deputado José Guimarães, apareceu apreensivo e com toda razão pois a cada nova consulta popular há a indicação de queda da popularidade do presidente e aumento de reprovação de sua administração.

O governo, é bem verdade, ainda tem “muito chão” pela frente para reverter o quadro, apesar de todos os erros que vem cometendo. Não nos esqueçamos de que o governo é, em qualquer situação, a vítima, ou em alguns casos, o beneficiário de situações com as quais não tem qualquer relação. Agora, por exemplo, o governo Lula é atingido pela Guerra no Oriente Médio que mexeu na economia e no bolso dos brasileiros provocando o aumento da rejeição.

O fim das hostilidades no Oriente Médio certamente trará melhoras na economia beneficiando o governo que vai readquirir alguns pontos de aprovação. Mas tem as questões internas, como as denúncias de corrupção envolvendo o governo e a radicalização política que ainda divide o país. Mas o que atinge Lula pode atingir também seus concorrentes, inclusive o até agora principal deles, Flávio Bolsonaro, ainda não afetado pelos malfeitos que, dizem, fez no Rio de Janeiro e que certamente serão explorados na campanha.

Numa eventual queda de Flávio, surge o nome de Ronaldo Caiado, candidato do PSD, que pela segunda vez tenta chegar a presidente da República. Para muitos, Caiado é, de todos os candidatos lançados, ou que se lançaram até agora, o mais preparado e com posições políticas mais claras. Caiado fez um bom governo em Goiás e se apresenta como um candidato “de direita”. Certamente vai crescer durante a campanha e é sim, uma ameaça clara a Flávio Bolsonaro no primeiro turno e a Lula num eventual segundo turno.

E não se pode desprezar o ex-governador de Minas, Romeu Zema, hoje na “lanterna” nas pesquisas entre os que têm alguma chance de crescer e chegar ao segundo turno. E ele faz questão de lembrar que quando iniciou sua campanha ao governo de Minas, sua primeira experiência política, era “lanterninha” também. Venceu e foi reeleito. Por que não repetir esta trajetória? Claro que agora é bem diferente e tudo indica que Lula será reeleito para o quarto mandato.

Por enquanto, é bom que se diga, pois a campanha, na realidade nem começou. Temos muito tempo e uma Copa do Mundo de Futebol pela frente antes que o brasileiro comece mesmo a pensar em eleição. Aliás, o ex-governador Hélio Garcia dizia que, campanha mesmo, só depois da Parada de Sete de Setembro. Por enquanto os candidatos, exceto o presidente, este em campanha contra os desgastes de governar, estão rodando Brasil afora para se apresentarem ao povo.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

Paulo Saldaña*

MEC vacila sobre EAD na formação de professores

O Ministério da Educação do governo Lula (PT) deu em 2024 um forte recado sobre a formação de professores: cursos 100% a distância seriam barrados e haveria limite para que até metade das aulas fosse nesse formato.

O então ministro da Educação, Camilo Santana, repetiu isso em discursos, inclusive enquanto o CNE (Conselho Nacional de Educação) se preparava, em fevereiro, para aprovar novas regras que reduziriam para 40% a exigência presencial -texto alinhado, curiosamente, ao que a área técnica do MEC indicou ao colegiado, contrariando decreto federal.

Em um país onde o atraso educacional e civilizacional se confundem, a lista de prioridades é extensa. Mas é difícil contestar que o papel do professor seja central, algo reiterado por evidências científicas.

Os desafios nesse tema se acumulam e retroalimentam. Uma carreira desvalorizada atrai alunos da educação básica menos proficientes para essas formações. Os cursos, majoritariamente em instituições privadas, encontram maiores barreiras para garantir profissionais qualificados.

O EAD é das principais apostas de lucro e sus-

tentabilidade do ensino superior privado, e mais da metade dos 887 mil alunos de pedagogia estavam nessa modalidade em 2024. Representantes do setor dizem que maior carga presencial reduziria o interesse, podendo levar a um apagão docente.

Especialistas defendem que 50% de aulas presenciais seria o mínimo, e o país deve perseguir presencialidade integral, com maior carga-horária nas escolas.

O CNE, sob pressão do mercado, estava pronto para passar a nova regra em 26 de fevereiro. Recuou após má repercussão e, até agora, não há nova data ou sinal de posição renovada do ministério.

Definir a formação dos responsáveis por milhões de crianças e adolescentes, de escolas públicas e privadas, é dever de estado e de governos comprometidos, apesar de pressão do mercado. Aproxima-se teste relevante para o novo titular do MEC, Leonardo Barchini, a quem cabe homologar decisão do conselho.

*Repórter de educação da Folha de S.Paulo, na sucursal da Brasília. É fundador e conselheiro da Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação).

EDITORIAL

Um estreito que dificulta acordo de paz

O possível entendimento entre Irã e Estados Unidos sobre o controle e a segurança do Estreito de Ormuz representa, ao mesmo tempo, uma esperança diplomática e um risco econômico de grandes proporções. Trata-se de uma das rotas marítimas mais estratégicas do planeta, por onde transita cerca de um quinto de todo o petróleo consumido globalmente. Qualquer instabilidade na região, portanto, reverbera de maneira imediata nos mercados internacionais.

Historicamente, as tensões entre Teerã e Washington têm servido como gatilho para oscilações bruscas no preço do barril. A simples ameaça de bloqueio do estreito é suficiente para elevar prêmios de risco e alimentar a especulação financeira. Nesse contexto, um acordo que garanta previsibilidade ao fluxo de petróleo poderia, em tese, contribuir para a estabilização dos preços. No entanto, a realidade geopolítica raramente se curva a soluções lineares.

O primeiro desafio reside na confiança mútua. Décadas de antagonismo tornam qualquer compromisso frágil, sujeito a rupturas diante de mudanças políticas internas ou pressões externas. Além disso, atores regionais e interesses divergentes, incluindo membros da OPEP, complicam ainda mais a construção de

um consenso duradouro.

Do ponto de vista econômico, a volatilidade do petróleo permanece como uma variável crítica. Mesmo um acordo formal pode não ser suficiente para conter flutuações, já que o mercado reage não apenas a fatos concretos, mas também a expectativas e percepções de risco. Investidores, governos e empresas operam sob incerteza constante, ajustando estratégias que impactam desde o custo dos combustíveis até cadeias produtivas inteiras.

Para a economia mundial, as implicações são profundas. Países dependentes de importação de energia enfrentam pressões inflacionárias quando os preços sobem, enquanto exportadores lidam com instabilidade fiscal em cenários de queda abrupta. Em um mundo ainda marcado por desigualdades e por uma transição energética incompleta, o petróleo continua a exercer influência decisiva.

Assim, um eventual acordo entre Irã e Estados Unidos sobre o Estreito de Ormuz não deve ser visto como solução definitiva, mas como um capítulo em uma disputa mais ampla. A estabilidade duradoura dependerá não apenas de compromissos diplomáticos, mas de uma reconfiguração mais profunda das relações internacionais e da própria matriz energética global.

Opinião do leitor

Saúde e bem-estar

Quem come fibras vive mais, revela estudo. Uma dieta rica em fibras pode significar uma expectativa de vida melhor. É importante manter a hidratação do corpo constantemente. Uma boa opção é beber muita água de coco. Não esqueça de se hidratar.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO PROVISÓRIO PROPÕE REFORMAS NO ENSINO SUPERIOR

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de abril de 1931 foram: Partido Republicano triunfa nas eleições espanholas. Vinte e um países celebram o Dia da América, cuja iniciativa cabe ao Bra-

sil. Segundo notícias vindas de Nova York, revoltosos foram derrotados na Venezuela. Governo institui o Conselho Nacional de Educação e cria a Faculdade de Educação, Ciências e Letras.

HÁ 75 ANOS: SÃO PAULO PODE RECEBER UMA REFINARIA DE PETRÓLEO

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de abril de 1951 foram: Trumam tira MacArthur do comando das tropas Aliadas na Coreia e nomeia o general Ridway o novo comandante. Cinha au-

menta o efetivo para conter o avanço ocidental na Coreia. São Paulo pode receber uma refinaria de petróleo. Acidente entre trens em Santa Cruz deixa vários feridos. Morro do Castelo pode ser demolido.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.